

A REACÇÃO RELIGIOSA TRIUNFANTE

O soldado desconhecido
e a consagração dos mortos

A cerimónia dum misticismo profundo, dos dois minutos de silencio, teve a participação e o aplauso dos «livre-pensadores», «maçons» e «liberais» desta democracia de opereta

A ideia de conduzir com todas as honras, o cadaver dum soldado desconhecido, combatente de guerra, ao logar onde se depositam os cadaveres dos grandes heróis e dos homens notáveis, representava, dizia-se, a glorificação de todos os humildes, pobre gente do povo sem nome e portanto sem glória que tinha sucumbido pelo amor de patria.

A burguesia parlamentar dos países que entraram na guerra fez do soldado desconhecido uma verdadeira instituição, daí em diante, Foi o pretexto para salamaques diplomaticos dos países uns com os outros, em que o túmulo do pobre soldado desconhecido de cada país era coberto de coroas. Visitava-se o chefe do Estado e visitava-se o local funerario do soldado desconhecido.

Homenagem simbolica á multidão anonima dos que morreram, passou a servir para continuas exhibições mais ou menos snobs dos elementos officiaes dos varios Estados. Ao mesmo tempo instituíam-se os dois minutos de silencio, em respeito pelos que caíram nos campos de Batalha.

Agora, em Portugal, como se o publico pasmão se não satisfizesse com a ideia abstracta dum soldado que se não sabe que foi, e com a consagração geral da multidão de victimas, inventou-se alem do soldado desconhecido morto, um soldado conhecido vivo, de carne e osso para ser alvo das aclamações. Discordamos absolutamente de tudo isso.

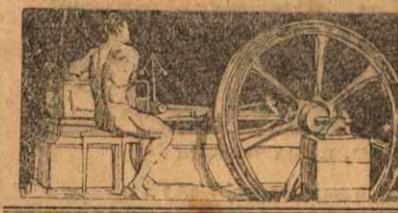
A verdadeira homenagem ao povo seria não a de lhe enterrar um morto, nem o lampario aceso permanente, como uma revivescencia religiosa, que a Republica parece apostada em fazer persistir, mas em secuidar dos vivos, os que ficaram a sofrer as consequências terribeis da guerra. Dizia-se que, por parte dos aliados, ela era uma guerra de Justiça, de Liberdade, de Civilização. Terminada ela o que era lógico era procurar dar realidade a essas afirmações que ficaram simples palavras vãs de sentido.

Exigiu-se um sacrificio enorme ás populações. Foram elas dizimadas. E tudo pela conquista duma humanidade melhor, em combate ao militarismo e á autoridade imperialista.

Que vemos porem? Quem tira as felizes consequências da guerra é a alta burguesia endinheirada, com as suas tremendas especulações que hão-de acabar, valha-nos ao menos isso, por provocar a derrocada do edificio capitalista que tem já um aspecto de menos solidez do que a arquitetura dos

gaioleiros, simbolo exato destas epochas de ganancia e de dissolução.

Acende-se o lampadário, reza-se ao morto desconhecido, cala-se todo o mundo dois minutos para se suggestionar, para se atribuir um sentimento que tem de ser instigado por esta espécie de canções patrióticas e aclama-se um pobre homem transformado em herói e a quem roubaram por isso mesmo a sua ingénua simplicidade, trazendo-o da vida obscura para a ribalta de todos os palcos de feira, exposto como uma raridade; e no entanto não se acende o lampadário da instrução, reduzem-se as escolas, e continua a consentir-se que se oprima a massa dos trabalhadores pela especulação capitalista dos patrões e dos comerciantes. Se não fôssemos um povo adormecido, acalentado com as lendas dum passado glorioso, que nos fazem ver na cubica dos nossos antepassados pelas especiarias da India e nas atrocidades que por lá cometeram, actos de bravura e de heroicidade desinteressada, bastava este contracenno entre todas essas solenidades patrióticas, consagrações de soldados, conhecidos e desconhecidos, e a indiferença com que o povo é tratado, no que respeita aos seus interesses e ás suas necessidades mais imediatas, para se erguer num gesto de repulsa contra tudo isso, unindo-se para realisar a verdadeira consagração dos seus mortos, os que morreram por um ideal de redenção humana, e cuja glorificação só será feita pelo estabelecimento duma sociedade livre e igualitária.



* E' talvez aos Fenícios, que adoravam o creador sob a forma de um ovo, que devemos os «ovos da páscoa». Segundo suas crenças, a noite, principio de todas a coisas, tinha engendrado um ovo, donde saíram o amor e o genero humano. No tempo da páscoa, o Sol chega asequinoxio, o ovo primitivo se quebra e o genero humano renasce. Chardin, na sua «viagem á Persia» relata que os Persas tem o habito de se oferecerem ovos nessa época, que para eles marca o começo do ano. Ha ovos valiosissimos cobertos de ouro e lavoires; são oferecidos, porem, sempre do pobre para o rico e daí a perpetuação do costume...

* No Japão o culto das flores entrou de tal geito nos costumes do povo que muito raro é a casa, por mais pobre que seja, que não tenha o se jardim.

O Manifesto da «Seara Nova»

PUBLICOU o grupo da «Seara Nova» um manifesto explicativo da saída dos dois ministros com que havia contribuido para o ministerio do sr. dr. Alvaro de Castro. Pode dizer-se que foi pior a emenda que o soneto...

Tinham saído os dois ministros porque um deles havia sido tolhido nas suas reformas pgressivas de instrução publica pelo travão das economias urgentes, entendendo assim que nada tinha a fazer a «Seara Nova», o grupo que tantas vezes tem dito que o que importa principalmente é a educação e não fazer revoluções? Tinham saído os dois ministros porque o outro, no ministerio da Agricultura, e pelo mesmo motivo de exigencia das economias salvadoras, não podia estabelecer um pronto plano de cooperativismo economico, de socialização pgressiva das terras e de intenso fomento agricola?

Nada d'isso. O publico a quem se disse que o grupo de «Seara Nova» tinha ideias avançadas, tendencias socialistas, podia ficar a imaginar isso. E, se bem que intimamente se risse da ingenuidade dos que tinham pensado realisar alguma coisa dentro do Estado burguez e sem ser como consequencia e impulso dum forte movimento revolucionario, o publico acharia interessante a atitude de dois ministros da «Seara».

Porem é propria «Seara Nova» que, no seu manifesto se encarrega de desfazer todas as ilusões. Os dois ministros saíram por se não terem estudado a serio as possibilidades de redução dos quadros dos funcionarios e por o governo até á altura em que eles se foram embora não ter mostrado energia e decisão para reprimir o movimento de reclamações dos mesmos funcionarios. A questão dos sargentos foi por eles considerada tambem principalmente como um agravamento de despesa. E parece que a parte principal do programa da «Seara Nova» era a redução das despesas, o que não parece necessitar de tantas locubrações filosoficas, de tanta mentalidade concentrada como parecia ver a do grupo de intelectuais que se propunham salvar o paiz e estabelecer a transição da Republica para a sociedade futura, baseada numa completa remodelação economica.

A «Seara Nova» tinha ido pois ao governo para fazer economias nas despesas com a agricultura e a instrução, num paiz que não terá condições de progresso enquanto a agricultura não tiver um verdadeiro desenvolvimento que só se obtém com medidas de fomento, e enquanto a instrução não se tornar extensiva a toda a população e se remodelar inteiramente. Os dois iam lá para reduzir os quadros, simplificar esses serviços publicos e indignar-se contra as greves de funcionarios! Fica o operariado sabendo das intenções dos da «Seara Nova» e o que o esperaria se acaso o grupo podesse dispor do poder e de força publica. O espirito socialista e revolucionario do grupo não podiapatear-se duma maneira mais clara e insofismavel. Mereceu realmente a pena que e o sr. dr. Alvaro de Castro dele se tivesse lembrado. E se fez conscientemente para desfazer a lenda do radicalismo da «Seara Nova», não podia ter sido mais feliz.

Vê-se que os intelectuais da «Seara Nova» sob o ponto de vista politico reduzem as suas aspirações ás estreitas concepções financeiras de qualquer pacto conservador. O imposto rende pouco devido exclusivamente á sua injusta distribuição e á defeituosa cobrança, sendo poupados os ricos e esmagados os pobres. Ora a «Seara Nova» em vez de reclamar um imposto pgressivo, reclamou o contrario: que se continuasse a pagar mal aos funcionarios e que alguns deles se madasse para casa, para se lhes não pagar nada. Os encargos do Estado pesariam principalmente sobre os pequenos, sobre uns, em impostos sobre os outros, pela exiguidade dos vencimentos. Que estranha concepção de democracia que tem a «Seara Nova».

Desfez-se a ilusão. Se entre o operariado por ventura havia alguns que pudessem acreditar na obra futura do grupo «Seara Nova» devem ter perdido já todas as esperanças. E talvez tenha sido este o maior auxilio que o grupo tivesse prestado á evolução: — o de contribuir para destruir certas superstições politicas que no espirito do povo perturbam ainda a clara compreensão do seu destino.

Atravez Dos Livros

PAÇO DO MILHAFRE

-DE-

Vitorino Nemésio

Victorino Nemésio, camara-da que foi dos jornais, publicou agora um

livro. Foi dos jornais o moço escritor, nessa hora angustiosa da greve da Imprensa e recordamo-nos da galhardia com que ele, ainda pela idade e cárrago simples escudeiro, enfileirou no bom combate, ombreando com os que lutavam, para obter um pouco mais de pão. Foi dos jornais, o pobre rapazinho das ilhas, e neles, apesar de tímido e desprotegido venceu bem o seu talento, á custa de quantos sacrificios e dissabores — sabem-no poucos.

Pois Vitorino Nemésio publicou agora o seu primeiro livro, que — diga-se já — não é a sua estreia. Pondo mesmo de lado, a efémera produção jornalística, conta Nemésio na sua bagagem três livrosinhos: um de versos, «Canto Matinal», versos da infancia, escritos aos quatorze e quinze anos. uma interessante «plaquette» «O Poeta Povo» trabalho de elevada inspiração; e uma peça, em 1 acto, já representada, «Amor de nunca mais».

Apezar de tudo, porém, o volume de contos agora publicado sob o titulo de «Paço do Milhafre» é o primeiro livro, do que há de vir a ser um dos maiores prosadores da lingua portuguesa.

«Paço do Milhafre» é um espécime dessa literatura chamada regionalista, que por razões de ordem ideológica, estética e social, não congrega as nos-

sas simpatias. E', todavia, esse um género como qualquer outro, sujeito a apreciação, dentro do convencionalismo da critica, que não cura por simpatias ou afinidades espirituais.

Vejamos, por alto, o livro, capítulo a capítulo, como se vissemos uma galeria de pintura, quadro a quadro. Posta de parte a dedicatória, que desejaríamos mais chã, e a carta-prefácio, que outro autor escreveu, para apadrinhar a obra, — depara-se-nos «Ante-Manhã» impressão do despontar da «urbs» quasi banal, que não é conto, nem regionalismo, nem nada. Depois «Brumolândia», vaga evocação histórica posta com arte, documento do poder verbal do autor. E vem «Terra do Bravo» o trágico viver e morrer dos pescadores, em pinceladas fortes, tela tocada da luz alta do génio. Segue-se-lhe «Alma de Deus», quadrinho de costumes, tipico, curioso. «Os reis magos» é a estilização da lenda bíblica, posta em conto popular. «Misericórdia!» é grande, vigoroso, o ambiente catastrófico é bem dado; a prosa modula bem o preságio e o terror; — só lhe falta um fiosinho de drama para ser coisa perfeita, no género. «Enganada» é a novela regional por excelência, rica de observação e pintoresco. E vem depois «Célia» saudades de amor, do que ainda é poeta. «Os Malhados» é do melhor do livro; equilibrada reconstrução de scenas que vivem na tradição popular, e que o autor colheu de outiva. Por último «Mau Agoiro» acusa bem os